

Box 4-5-9, Ago. Set./1988 (pág. 1 a 3)

=>http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept88.pdf

Título original: “¿Ha pensado recientemente en el anonimato?”

Uma recente onda de rupturas de anonimato levou à formação de um subcomitê especial do Comitê de Informação Pública dos Custódios. A este comitê foi-lhe designada uma tarefa interessante e um tanto curiosa.

Como disse um membro do novo grupo na sua primeira reunião: “*estaremos procurando um meio para lembrar aos alcoólicos de todos os lugares, algo que a maioria de nós já sabe – mas do qual raramente falamos, ou seja, que, para os alcoólicos sóbrios, a prática do anonimato deveria ser tão agradável e emocionante quanto a própria sobriedade*”

Tendo iniciado os trabalhos em abril do presente ano (1988), os dez homens e mulheres do subcomitê estão estudando as diversas maneiras em que se quebra o anonimato, assim como os possíveis meios através dos quais essas quebras, tanto as intencionais – se as houver, como as não intencionais – como parece ser a maioria delas, podem ser evitadas.

Além do mais, diferentemente da maior parte dos esforços acordados que no passado focavam o anonimato, esta campanha não está dirigida aos meios de comunicação nem a nenhum indivíduo ou grupo fora da Irmandade, mas, unicamente aos membros de A.A. Desta vez, a proposta é de considerar com carinho o presente brilhante do anonimato, e de solicitar a ajuda dos AAs de todos os lugares, para que perdure a proteção de sua promessa, seu prazer e seu poder.

Ao abordar o problema, alguns membros do comitê se lembraram de ocasiões em que seu próprio anonimato poderia ter sido quebrado, ou quase. Conseguiram mantê-lo porque perceberam de repente o que estavam fazendo, ou o que estavam a ponto de fazer.

Um membro, por exemplo, falou da sua associação com uma universidade onde, como alcoólico e membro de A.A., servia como membro de uma junta consultiva que tinha planejado um novo curso que iria fazer parte do programa de estudos da instituição – o estudo e o tratamento do alcoolismo.

“*Depois de aprovado o curso*”, disse este membro do comitê, “*seria publicado um panfleto a respeito do mesmo onde iria constar meu nome como membro da junta consultiva. Uma funcionária da universidade me telefonou querendo saber quais eram minhas credenciais – por suposto, minha credencial profissional.*”

Infelizmente, nessa mesma semana perdi meu posto; entretanto, para atender à funcionária, assim como à universidade, dei como subsidio minhas ‘credenciais’ em A.A. – coordenador de tal comitê ou tal junta, etc., o qual nos pareceu satisfatório tanto à universidade como a mim próprio.

Passados alguns minutos após desligar o telefone, tive a estranha sensação de que havia alguma coisa inadequada naquilo que tinha feito. De repente, ‘a ficha caiu’... Telefonei à funcionária e lhe disse que não poderia utilizar as credenciais que lhe tinha dado, uma vez que ao fazê-lo estaria quebrando meu anonimato diante do público. Não havia inconveniente algum em que ela soubesse minha afiliação a Alcoólicos Anônimos; mas, esta afiliação não deveria aparecer num panfleto disponível ao público. Sua resposta foi: ‘sabia que me ligaria prontamente. Essas credenciais de A.A. tampouco me pareceram indicadas’ ”.

Uma lição que pode ser extraída desta anedota é que se não temos sempre presente a ideia, o propósito e o valor do anonimato, qualquer um de nós pode, inadvertidamente, quebrar seu anonimato.

Entre outras experiências compartilhadas na sala, foi contada uma bastante curiosa que tinha a ver com um artigo a respeito das mulheres e o alcoolismo publicado na revista *Family Circle*. O Escritório de Serviços Gerais – ESG tinha pedido ao membro em questão para participar de uma entrevista e documentar o artigo, e ela consentiu com prazer. “*De fato*”, disse, “*estava pessoalmente encantada por ter sido escolhida para essa importante tarefa*”.

De acordo com a companheira, o escritor, por respeito ao seu anonimato pessoal, lhe deu outro nome e idade e mudou todas as informações pessoais, de tal maneira que, quando apareceu o artigo “*tinha outro nome – Ruth, uma idade diferente – 53 anos, e um tempo de sobriedade um pouco mais curto que o verdadeiro. Na realidade, todo o que se referia a mim tinha mudado, com exceção da minha história de desespero e libertação que foi apresentada com todo detalhe e fidelidade*”.

Agora vem o curioso desta experiência: “*Pouco tempo depois da publicação do artigo, uma mulher que já me tinha ouvido falar várias vezes, me chamou e, a pesar de todas as mudanças dos dados específicos, perguntou-me ‘é sua a história que aparece na revista Family Circle?’ . Ela soube quem tinha sido entrevistada.*

Passado um mês, chegou uma carta ao ESG encaminhada à minha atenção. Vinha de uma mulher canadense e na carta dizia que seu nome também era Ruth e que também tinha 53 anos e queria agradecer à tal Ruth da história publicada na Family Circle porque tinha recebido tanta inspiração que agora tinha o que descreveu como ‘três belíssimas semanas de sobriedade’ ”.

Depois surgiu o poderoso significado deste breve relato: “*Obviamente, o verdadeiramente importante da minha história manifestou-se sem envolver meu ego nem meu nome pessoal. Ajudei outra pessoa e mantive meu anonimato. Entretanto, foi uma felicidade que quase estraguei porque estive planejando responder pessoalmente à mulher; recomendaram-me que não o fizesse. Recomendação acertada!*”.

“Entretanto”, o membro do comitê disse concluindo “ainda sinto uma grande satisfação toda vez que lembro que um artigo a respeito de mim própria – mas que não expunha minha identidade, atraiu atenção e teve efeitos positivos. E cada a cada vez que me lembro volto a sentir a alegria misteriosa, mas poderosa, do anonimato”

Alguns outros membros do subcomitê tinham histórias interessantes para contar, todas relacionadas com o fato de ter revelado a outra pessoa o fato de serem alcoólicos ou membros de A.A. Um deles, seguindo a recomendação de um companheiro de A.A., advertiu seu dentista que, por ser alcoólico, não poderia tomar determinado medicamento sem correr perigo. A única resposta do dentista foi a de insistir no pagamento integral antes de continuar com o tratamento. (Fica claro que, embora tenha comunicado o aviso apropriado, este acabou sendo distorcido por quem o recebeu).

Outro membro do subcomitê relatou uma situação parecida onde houve uma resposta diferente. Seu chefe imediato na empresa em que trabalhava sabia desde o início que ele era membro de A.A. e que era tão atuante no serviço de A.A. que em determinados dias não podia fazer horas extras. Mais tarde, quando surgiu um problema alcoólico com um alto executivo da companhia, esse chefe pediu, e prontamente recebeu permissão, para dizer ao presidente que a ajuda de A.A. encontrava-se à disposição na empresa mesmo.

Depois de se entrevistar com o presidente, o chefe voltou para informar a resposta daquele alto executivo à notícia de que havia entre os funcionários um membro de A.A. Era (e o citou diretamente) *“Eu sabia que esse tipo tinha algo de especial”*.

Certamente, alguns de nós revelamos a outras pessoas que tínhamos feito algo a respeito do nosso alcoolismo sem precisar dizer palavra alguma. Simplesmente se percebe. Assim foi com um membro do subcomitê que relatou uma comovente história que tinha começado com uma chamada feita pelo porteiro do deu edifício através do interfone do seu apartamento. O membro em questão morava no prédio desde cinco anos antes de ingressar em A.A. e agora contava cinco anos de sobriedade.

Falando pelo interfone, o porteiro disse com alguma hesitação: *“Não sei precisamente como lhe dizer, mas, parece que faz alguns anos o senhor tinha um problema que agora não tem. Espero que não se sinta ofendido se lhe perguntasse se tenho razão, e se a tenho, me permitiria que lhe perguntasse o que fez a respeito daquele problema? Temos um funcionário no prédio que tem um problema e talvez o senhor possa ajuda-lo”*.

O seguinte e feliz episódio desta história diz que, é claro, que tinha o problema obteve ajuda; e o feliz resultado, pelo menos até a data, conta

como agora aquele funcionário, depois de uns quantos anos ainda está sóbrio e é um membro dedicado de A.A.

Tão significativo quanto este, é outro aspecto da história. O anonimato deste membro de A.A. não foi quebrado, nem sequer a nível pessoal, pelas suas palavras, mas, simplesmente por estar sóbrio. Foi a mudança de comportamento e da sua aparência que o “denunciaram”. Este é o caso de um membro que leva a mensagem *sendo* a mensagem, sem dizer uma palavra a respeito dele. Não fez nada até que lhe foi pedida ajuda.

Na medida em que continuava a discussão, outro membro do subcomitê explicou como, em algumas situações de trabalho, a quebra do anonimato pode causar problemas graves. Este alcoólico, um produtor de televisão, ofereceu-se para documentar um programa proposto a respeito do alcoolismo e a adição às drogas.

Ao apresentar quase sem demora material suficiente para uma dúzia de episódios, o chefe da produção perguntou-lhe como se havia tornado erudito com tanta rapidez, e ele respondeu um pouco relutante, que era membro de A.A.

“*Formidável!*”, respondeu o chefe. “*Assim, podemos focar o assunto desde dentro*”.

Embora a proposta preocupasse o membro, podia racionalizá-lo – e ao que parece, com bastante razão, pensando que as precauções que se referem à quebra do anonimato ao nível da imprensa, da rádio, da televisão e do cinema, apenas têm a ver com, por exemplo, aparecer na televisão, não trabalhar na mesma. E o seu trabalho era simplesmente redigir o roteiro, indicar os participantes convidados, etc.; ele não iria aparecer na tela.

Entretanto, conforme ia realizando sua tarefa percebeu que não podia ser objetivo enquanto à matéria. Por exemplo, não podia tolerar opiniões a respeito de A.A. e o alcoolismo que diferiam das suas e da experiência de outros membros do programa. Isto levou a argumentações acaloradas, por vezes desagradáveis, e, sem dúvida improdutivos com o chefe da produção.

Para resolver o problema, foi necessário encomendar o projeto a outro produtor, uma pessoa que nunca tinha trabalhado em um programa a respeito do alcoolismo e que sabia muito pouco a respeito da doença. Entretanto, conforme lembra o membro de A.A., o novo produtor era um profissional muito competente, que aprendeu rapidamente, e o programa acabou tendo muito sucesso. “*Um exemplo de reportagem televisiva de primeira categoria que ajudou muitas pessoas*”. Ao que acrescentou, “*Eu não poderia tê-lo feito melhor*”.

Atualmente, este membro ainda é produtor, mas já não se mete na corrente principal da preparação e produção de programas a respeito do alcoolismo. Cada vez mais colegas de trabalho sabem que é membro de

A.A., porém oferece suas opiniões ou sugestões apenas se lhe forem pedidas. “Já não trato de fazer reportagens objetivas a respeito de Alcoólicos Anônimos. Consegui perceber com clareza que não há maneira de ser objetivo quando se trata de algo que salvou a minha vida”.

É possível que os membros do subcomitê, pelo fato de haverem tido experiências no anonimato muito diferentes umas das outras, tenham uma ampla variedade de opiniões sobre como se dirigir à Irmandade com referência a esse assunto. Entretanto, um ponto que o subcomitê está de acordo por unanimidade é que a nível de Grupo – o nível mais importante dentro de A.A., parece que se dedica pouco tempo e pouca discussão ao anonimato e à sua importância tanto para o programa como para os membros individuais. Assim, o plano inicial do subcomitê será o de procurar e colocar em prática algumas formas de provocar “*um pequeno renascimento do entusiasmo*” a respeito do anonimato, e baseados nisso ampliar os esforços.

Para começar, o subcomitê espera poder recolher uma pequena “*biblioteca*” de histórias, contadas por membros, que tratem das suas experiências de anonimato: as quebras que por pouco não aconteceram; as não intencionais tanto a nível pessoal como ao nível público, e as consequências destas revelações. Espera-se também obter histórias daqueles que descobriram os benefícios do anonimato, a verdadeira alegria que vem de passar a mensagem de uma maneira serena e discreta, e a grande satisfação que sempre segue ao ato de dar sem esperar nada em troca, nem sequer o reconhecimento.

Tem alguma história para contar a respeito do anonimato? Uma experiência pessoal a esse respeito que queira compartilhar? Escreva a: *Subcommittee on Anonymity, Box 459, Grand Central Station, New York, NY 10163*. Os membros do comitê aguardam suas notícias. Precisamos da sua ajuda. E parece que o anonimato também.